

Amor e suicídio em *Flores Modernas* e *Matar!*, de Chrysanthème

Love and suicide in Flores Modernas and Matar!, by Chrysanthème

Maria do Carmo Balbino GALENO*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Juliana Maia de QUEIROZ**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO O presente artigo objetiva analisar as vozes de mulheres – amantes e subversivas – nos romances *Flores Modernas* (1921[2023a]) e *Matar!* (1927[2023b]), de Chrysanthème, pseudônimo da romancista e jornalista carioca Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebello de Vasconcelos (1869-1948). Para além de uma escrita conformada com as normas patriarcais vigentes, nestes dois romances a autora aponta o suicídio como um meio de libertação de suas personagens. Com vistas a fundamentar nossa análise, tecemos diálogos com os estudos de Émile Durkheim (2019), George Minois (2018) e Albert Camus (2024), que tratam diretamente do tema suicídio. Além desses, Sigmund Freud (2010;2011), cuja psicanálise se debruça sobre o mal-estar, a melancolia e o luto; Constância Lima Duarte (2009;2020), pesquisadora que resgata a memória de autoras brasileiras; Maria de Lourdes de Melo Pinto (2006) e Rosa Gens (2016), estudiosas de Chrysanthème; bem como pesquisas em fontes primárias da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDB).

PALAVRAS-CHAVE: Chrysanthème. Suicídio. Prosa de ficção. Século XX.

ABSTRACT: This article aims to analyze the voices of women – lovers and subversives – in the novels *Flores Modernas* (1921[2023a]) and *Matar!* (1927[2023b]), by Chrysanthème, the pseudonym of the novelist and journalist from Rio de Janeiro Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebello de Vasconcelos (1869-1948). Beyond to not writing in accordance with the current patriarchal norms, in these two novels the author points to suicide as a means of liberation for her characters. In order to support our analysis, we weave dialogues with the studies of Émile Durkheim (2019), George Minois (2018) and Albert Camus (2024), who deal directly with the theme of suicide. In addition to these, Sigmund Freud (2010; 2011), whose psychoanalysis focuses on malaise, melancholy and mourning; Constância Lima Duarte (2009; 2020), researcher who rescues the memory of Brazilians authoress; Maria de Lourdes de Melo Pinto (2006) and

* Doutoranda em Estudos Literários (UFPA). Membro do GEMPLIT (Grupo de Estudos Vozes de Mulheres na Literatura). E-mail: imcgaleno@hotmail.com.

** Professora Doutora do programa de pós-graduação em Letras da UFPA (PPGL). Coordenadora do GEMPLIT (Grupo de Pesquisa Vozes de Mulheres na Literatura). E-mail: julianamaia@ufpa.br.

Rosa Gens (2016), scholars of Chrysanthème; as well as research in primary sources from the Digital Newspaper Library of the National Library (BNDB).

KEYWORDS: Chrysanthème. Suicide. Fiction prose. 20th century.

Introdução

Chrysanthème é o pseudônimo da jornalista e romancista carioca Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos (1869-1948), filha da também romancista e jornalista Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo (1852-1911). Tanto a mãe quanto a filha foram escritoras importantes no século XIX e início do XX, respectivamente: escreveram crônicas e ensaios para as colunas dos maiores jornais do país, além de romances que alcançaram sucesso de público leitor e de crítica. Contudo, com o passar dos anos, suas produções literárias não foram reeditadas e acabaram esquecidas. Como consequência, seus nomes se tornaram praticamente desconhecidos por quase cem anos, vindo à luz nas últimas décadas do século passado graças ao trabalho árduo e meticuloso de pesquisadoras como Zahidé Muzart, Constância Lima Duarte, dentre outras.

Tais pesquisas nos mostram que Chrysanthème publicou quinze obras entre os anos de 1921 e 1937 as quais, em sua maioria, possuem títulos pretenciosos como se pode conferir: *Flores Modernas* (1921); *Enervadas* (1922); *Gritos femininos* (1922); *Uma estação em Petrópolis* (1923); *Uma paixão* (1923); *Mãe* (1924); *Memórias de um patife aposentado* (1924); *Almas em desordem* (1924); *Vícios modernos* (1925); *Matar!* (1927); *Minha terra e sua gente* (1929); *O que os outros não veem* (1929); *A mulher dos olhos de gelo* (1935); *Cartas de amor e de vício* (1935) e *A infanta Carlota Joaquina* (1937). Sobre esse aspecto afirma Rosa Gens (2016): “Os títulos apelativos denunciam um conteúdo que se queria ousado, [...] através de uma estratégia de sedução pelo apelo ao erótico, ao moderno, ao violento” (Gens, 2016, pp. 1114-1115).

Com toda essa produção literária, a autora foi aclamada pelo público e pela crítica, como podemos observar na seguinte nota publicada no *Correio da Manhã* (RJ) no dia 12 de agosto de 1926: “Mme. Chrysanthème é uma romancista de mérito real, cujo nome inscreve-se ao lado das nossas mais apreciadas mulheres de letras” (edição 09680, p. 2)¹.

¹ Salvo indicação em contrário, as citações de jornais da época podem ser encontradas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>).

Isso posto, é curioso observar que, na certidão de óbito da escritora, segundo Maria de Lourdes de Melo Pinto (2006), lê-se “profissão doméstica” o que nos leva a crer que, possivelmente, sua família quis preservar sua memória como uma respeitável dona de casa, apagando completamente seu ofício nas letras. Somente um século depois é que seus romances começam a ser reeditados. Até o presente momento temos seis obras reeditadas. São elas: *Enervadas* (1922[2019/2022]), *Uma paixão* (1923[2025]), *A mulher dos olhos de gelo* (1935[2025]), *A infanta Carlota Joaquina* (1937[2022]), *Flores Modernas* (1921[2023a]) e *Matar!* (1927[2023b])². Esses dois últimos títulos trazem o tema do suicídio em seus enredos – o primeiro de maneira rápida, o segundo traz o tema como o centro da obra; é sobre esse aspecto que pretendemos nos deter no presente artigo.

Ao observarmos a atenção que a autora dedica a esse tema, podemos afirmar que os romances *Flores Modernas* (1921[2023a]) e *Matar!* (1927[2023b]) trazem igualmente o tema da violência de maneira nevrálgica, pois as personagens femininas sofrem agressões físicas e psicológicas dos personagens masculinos e, como consequência, usam da violência extrema contra si mesmas como forma de dar um fim a seus sofrimentos. Em outras palavras, poderíamos afirmar que optam por renunciar à própria vida para se libertarem da prisão patriarcal a elas imposta; prisão patriarcal que forçava meninas e mulheres a estarem sempre sob a tutela de um homem, primeiramente o pai, em seguida o marido.

A temática do suicídio nos romances de Chrysanthème nos faz observar que esse tema já estava sendo analisado e debatido no final do século XIX no âmbito das ciências sociais. É o que podemos verificar no tratado intitulado *O Suicídio: Estudo de Sociologia* (1897[2019]), de Émile Durkheim. Poderíamos supor que Chrysanthème estaria de certa maneira bastante atualizada sobre os assuntos recentes não só no campo das ciências sociais, mas também da psicanálise no início do século XX, pois Sigmund Freud, no mesmo período, publicou seus estudos, cujas ideias já eram discutidas nos jornais brasileiros no início da década de 1920. Nesse sentido, vale lembrar uma resenha jornalística daquele mesmo ano: “Não há muitos autores que tenham como Sigmund Freud provocado tanto ruído em redor de suas interpretações pshychologicas” (*Jornal do Commercio* (RJ), 1920, ed. 00168, p. 13).³ Assim, acreditamos essencial analisar a escrita

² Como o ano das duas reedições que aqui nos interessa coincide em 2023, utilizaremos as letras “a” e “b” para diferenciar as obras.

³ Mantivemos a ortografia original.

de Chrysanthème também sob esse viés para tentarmos demonstrar como a autora, sendo uma mulher escritora, denunciará a dominação masculina não apena simbólica, mas física e real.

1 Chrysanthème: uma jornalista atenta e crítica destemida

Ao que parece, o suicídio era um tema caro à própria autora, que escreve a esse respeito na coluna do jornal *O Paiz* (RJ), no dia 25 de dezembro de 1921:

A nossa sciencia medica devia entrar em scena com o fim de analysar o motivo por que, na nossa terra de céo tão lindo e de natureza tão pujante, a juventude só procura na morte um remédio para os males da vida. Todavia, eu me pergunto se, effectivamente existe um preservativo para esses estados da alma, que o grande ardor da exuberância e da seiva impulsiona para o anniquilamento num desequilíbrio tão absoluto, quando, afinal, toda essa força nova devia fazer aquelle que a posse! Os antigos legisladores muito se occuparam do suicidio e das suas consequencias, mas nessa evolução de idéas em que vivem os povos, esse assumpto foi abandonado (Chrysanthème, 1921, edição 13580(1), p. 3).

Mesmo que o suicídio seja tema importante no âmbito dos estudos sociais e psicanalíticos, Chrysanthème no excerto acima parece indicar que o assunto teria sido abandonado, então escreve a respeito para chamar a atenção da sociedade no intuito de fazê-lo mais debatido. Já sabemos que o suicídio está presente nos romances recentemente reeditados que ora buscamos analisar: *Flores Modernas*, publicado pela primeira vez em 1921, pela Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, e *Matar!*, cuja primeira publicação se deu em 1927, pela editora Livraria Francisco Alves. Ambas as obras, bem como os demais romances de Chrysanthème, fizeram sucesso imediato às suas publicações, como demonstra a recepção entusiasmada de uma crítica anônima da época:

A consagração que está tendo em todos os nucleos da mentalidade brasileira o magnífico volume de Chrysanthème nos obriga, não a fazer a critica desse romance de tão aguda observação, mas a regozijar-nos em publico por essa afirmação de uma face nova do seu incontestável talento de escriptora, face que descobriu na fina chronista dos *faits divers* mudiaes a romancista de uma funda psychologia da sociedade que ella procura expor com a rara coragem de não o fazer através de mal velados disfarces. *Flores modernas* é já por si um titulo de uma rara felicidade expositiva (*O Paiz*, 1921, edição 13267(1), p. 3).

Chrysanthème foi uma jornalista apreciada por João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921), escritor que, de acordo com a pesquisadora Maria de Lourdes de Melo Pinto (2006): “soube perceber a sagacidade do olhar de Chrysanthème, sobre a sua

época, talvez por ser ele também um fotógrafo das esquinas (escuras) do Rio de Janeiro” (Pinto, 2006, p. 175). Chrysanthème, atenta ao que era velado, ou melhor, ao que estava presente nas sombras da sociedade carioca de sua época escreve de maneira polêmica sobre a situação das mulheres, portanto, não é de se admirar que após sua morte, seus romances foram relegados ao esquecimento. Não apenas sua ficção denuncia a sociedade patriarcal, também em seus escritos jornalísticos a autora crava seu olhar na condição da mulher e corajosamente escreve na coluna “A Semana” do jornal carioca *O Paiz*, no dia 4 de setembro de 1921:

Não se pode mais equilibrar com a nossa mentalidade de hoje, com a liberdade dos nossos hábitos, com o estado do nosso meio social as leis que fecham, sobre o pulso dos homens e das mulheres da época, os grilhões do casamento, do antigo e pesado matrimônio, com o seu cortejo de duração de penas que lembram os regulamentos das penitenciárias primitivas, e para as quais não há solução senão a morte. [...] Pensem e verão que o divórcio se impõe a nós como um direito e como um dever (Chrysanthème, 1921, ed. 13468(1), p. 3).

Dessa forma, observa-se que Chrysanthème escreve sobre e a favor da liberdade das mulheres que merecem viver e amar sem os imperativos da lei.

Acerca do suicídio especificamente, em *História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária* (2018), o historiador francês George Minois (1946) expõe um panorama do tema e indica o nascimento da palavra:

É também da Inglaterra que vem o nome desse mal. “Suicídio” é um termo nascido no século XVII, o que é, por si só, revelador da evolução do pensamento e da frequência crescente dos debates sobre o tema. [...] a língua francesa só dispunha outrora de perifrases que adaptavam a ação de se matar, sinal do caráter excepcional e condenável da ação: “matar a si mesmo” [...]. O surgimento do neologismo reflete o desejo de diferenciar esse ato do homicídio de um terceiro, e é sob a forma latina que ele vem ao mundo, na obra do inglês Sir Thomas Browne, *Religio Medici*, escrita por volta de 1636 e publicada em 1642. Desse modo, o autor desejava distinguir o *self-killing* cristão, totalmente condenável, do *suicidium* pagão de Catão. Este último termo, construído a partir do latim *sui* (de si) *caedes* (assassinato), também aparece, de forma independente, entre os casuítas: em 1652, um parágrafo da *Theologia Morales fundamentalis* [Teologia da moral fundamental] de Caramuel é intitulado *De suicídio* [Sobre o suicídio]. Nos anos de 1650, o neologismo se difunde na língua inglesa (Minois, 2018, p. 224).

George Minois escreve sobre o suicídio demonstrando como o neologismo nasce da necessidade da criação da palavra para abarcar, de maneira objetiva, o seu significado. Alguns anos antes, considerado um dos pilares da Sociologia, ao lado de Karl Marx e

Max Weber, Émile Durkheim (1858-1917) foi o primeiro a escrever um tratado a respeito do suicídio. Nas palavras desse sociólogo:

Uma vez que o suicídio é um ato do indivíduo que afeta apenas o indivíduo, parece que deve depender exclusivamente de fatores individuais e que pertence, consequentemente, unicamente ao domínio da psicologia. Com efeito, é pelo temperamento do suicida, por seu caráter, por seus antecedentes, pelos acontecimentos de sua história privada que geralmente se explica sua resolução. [...]. De fato, se em vez de enxergá-los apenas como acontecimentos particulares, [...] considerarmos o conjunto dos suicídios cometidos numa determinada sociedade durante uma determinada unidade de tempo, constataremos [...] um fato novo e *sui generis* [...] sua natureza própria, e que, além do mais, essa natureza é eminentemente social (Durkheim, 2019, pp. 16-17).

Dessa forma, observamos que, para o sociólogo e antropólogo francês, o suicídio tem duas facetas fundamentais: uma psicológica, que tem a ver somente com o indivíduo e sua subjetividade, e outra social, que como já se pode perceber, tem a ver com a sociedade e as normas às quais esse indivíduo deve se adequar. De acordo com essas afirmações, queremos avançar em nossa análise para demonstrar como as personagens de Chrysanthème estão alinhadas a esse específico perfil psicossocial observado nesse tratado.

2 O Suicídio em *Flores Modernas* e *Matar!*, de Chrysanthème: loucura ou liberdade?

Em *Flores Modernas* (1921) e em *Matar!* (1927) a romancista tece e articula maneiras diferentes de narrar o suicídio. Na primeira obra, uma personagem mulher tira a própria vida por meio de overdose de cocaína e é através de uma carta que a notícia é veiculada. Na segunda, a narradora nos apresenta uma personagem/protagonista que deixa um diário, objeto que servirá de guia para o leitor compreender os meandros de sua mente desde sua infância até seu momento final, quando decide ingerir veneno e morre.

Flores Modernas, primeiro romance que Chrysanthème publicou, possui mais de duzentas páginas e é dividido em duas partes. A primeira tem quatorze capítulos e a segunda, doze. Já nas primeiras linhas do primeiro capítulo, a voz narrativa faz jus ao título do livro quando apresenta uma das personagens principais: “Era uma hora da

madrugada quando Maria José, excitada e satisfeita, se deixou cair sobre os travesseiros do seu leito estreito de solteira" (Chrysanthème, 1921[2023a, p. 11]).

Como se pode observar, Maria José é uma personagem cuja família pertence à burguesia carioca do início do século XX, portanto, é uma jovem moderna que não se deixa dominar nem pela família e nem pelas regras sociais. Uma parte do romance acompanha o desenvolvimento dessa personagem cuja família tenta se equilibrar entre o tradicional, representado por sua avó e por seu pai, e o moderno, representando por ela, Maria José, e por sua mãe. Além dessa família, há também outras duas personagens principais: Henriqueta e Hortencia. Esta última se mostrará sempre em consonância com as questões tradicionais, será fiel às regras e costumes; já Henriqueta será inconformada e insatisfeita. Ao longo da trama, a voz narrativa entrelaça essas personagens principais e mostra como, cada uma a seu modo, busca viver de acordo, ou não, com as regras e normas sociais vigentes para o sexo feminino. Assim, pode-se inferir que o romance mostra, de maneira provocativa e aprofundada, a tensão entre tradição e modernidade.

Flores Modernas traz, portanto, três mulheres centrais: 1) A mimada, moderna e rebelde Maria José, que segundo a narradora é “De uma coqueteria endiabrada e felina, fitava os homens de frente, estendia-lhes a mão largamente aberta, num meneio gentil que acabava com um sorriso faceiro” (Chrysanthème, 1921[2023a, p. 16]). De antemão, percebe-se que essa personagem se destaca por não se sujeitar aos ditames sociais da época, ou seja, a submissão feminina em todos os aspectos. 2) A recatada Hortencia, caracterização do “Anjo do Lar”⁴ oitocentista, que se casa, mas não é feliz com seu marido, então conhece um rapaz que a ama, mas os dois são incapazes de assumir o sentimento, pois levam com muita seriedade a instituição religiosa do matrimônio; somente depois que seu esposo morre é que ela se casa com o amado. 3) A inconformada Henriqueta, burguesa, casada com um homem rico, cujos amigos desfrutam de sua companhia nas festas e orgias, o que a faz desabafar com Hortencia, sua melhor amiga: “– Oh! Os homens! Os homens! [...] Que miseráveis e que monstros que eles são! Imaginam sempre que a mulher foi criada para diverti-los ou para servir-lhes de criada ou de enfermeira! Desgraçada da mulher que precisa deles!” (Chrysanthème, 1921[2023a.

⁴ Fortemente combatido nos escritos da britânica Virginia Woolf (1882-1941), o “Anjo do Lar” foi um estereótipo feminino que perdurou durante a Era Vitoriana. Basicamente, essa configuração consiste na mulher submissa, incapaz de decidir por si mesma; sua realização está na satisfação do marido e dos filhos por quem ela vive.

p. 90]). Observando a caracterização dessas três personagens femininas, chamamos a atenção para a capacidade da autora ao criar representações totalmente distintas na sociedade e assim evidenciar suas vozes de mulher, cada uma a sua maneira, ora submissas e conformadas, ora rebeldes e donas de si mesmas.

Na sequência narrativa, a revoltada Henriqueta afirma, enojada, em uma conversa com sua amiga Hortencia, que já não aguenta mais “a sua vida de escrava branca” (Chrysanthème, 2021[2023a, p. 258]). Por não mais suportar ser objeto nas mãos dos homens, tira a própria vida, notícia que chega à sua amiga Hortencia através de uma carta:

Era uma carta de Luiz de Nerval, contando-lhe o suicídio de Henriqueta em Buenos Aires e como a encontraram morta, entre os lençóis brancos da sua cama, [...]. Há muito, escrevia o marido monstruoso, que Henriqueta se entregara ao vício da cocaína, tornando-se indiferente à existência e, parece, que aquela noite, propositalmente ou por acaso, ingerira demais e morrera (Chrysanthème, 2021[2023a, p. 257]).

Em *Flores Modernas*, observamos a semelhança de como é narrado o ato suicida de Henriqueta com outras tragédias famosas na literatura, como aponta William André (2018): “no caso de uma Jocasta (Sófocles, 2005) ou de uma Lady Macbeth (Shakespeare, 2008a), cujos suicídios não ocorrem em cena: tomamos ciência deles posteriormente, pelas palavras de personagens que apenas anunciam a catastrófica notícia de suas mortes” (André, 2018, p. 4). O pesquisador chama a atenção sobre “como as escolhas estéticas empregadas na representação ajudam a compreender as motivações e circunstâncias que levam uma pessoa ao autoaniquilamento” (André, 2018, p. 4). Nesse sentido, o social e o estético se entrelaçam e Chrysanthème parece querer, com essa escolha narrativa, apontar para a dependência financeira e psicológica das mulheres com relação aos homens naquele período.

A respeito do ato suicida, o filósofo Albert Camus em o *Mito de Sísifo* (2024) indica que “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida” (Camus, 2024, p. 17). Pensamos em trazer essa reflexão, cara à filosofia, para essa análise literária porque ela parece sentenciar uma máxima que diz muito sobre o gesto extremo de nossa personagem: “aquele singular estado de alma em que o vazio se torna eloquente, em que se rompe a corrente dos gestos cotidianos, em que o coração procura em vão o elo que lhe falta” (Camus, 2024, p. 27). Observando Henriqueta, sob esse prisma, podemos inferir que a personagem foi

esvaziada de sua humanidade, pois era tratada como objeto nas mãos dos homens, seu marido era o primeiro a objetificá-la e maltratá-la. Além disso, ela conhece outro homem, Paulo de Araújo, por quem se apaixona, mas ele não corresponde com a mesma intensidade e verdade de sentimento. A partir de então, a personagem demonstra não se importar mais com as correntes que a prendem a essa vida e resolve dar um fim a sua condição. Assim, “os lençóis brancos de sua cama” expostos pela voz narrativa parecem querer indicar a pureza de uma mulher que a vida inteira se sentiu violada e não mais aceitou viver dessa forma. Ao que parece, o suicídio de Henriqueta tem um traço de liberdade, pois, sendo uma vítima que se sentia escrava, já não aceita mais sua subordinação.

Além do suicídio, Chrysanthème advoga a favor do divórcio nos seus escritos jornalísticos (como pudemos observar anteriormente num excerto de jornal) e na sua ficção. Em sua literatura, quando não é possível à mulher se separar do marido ou quando ela não vê perspectiva de vida digna, o suicídio acaba se configurando como um ato extremo de liberdade. Liberdade de um indivíduo que se encontra em um estado, de acordo com Durkheim, “de extrema depressão, de tristeza [...]. Não sente nenhuma atração pelos prazeres; enxerga tudo sombrio. A vida lhe parece aborrecida e dolorosa. Como essas disposições são constantes, o mesmo ocorre com as ideias de suicídio” (Durkheim, 2019, pp. 40-41).

Flores Modernas, como já observamos anteriormente, apresenta-nos três personagens principais cujas histórias se entrelaçam. Aqui buscamos expor apenas o fim trágico de uma delas, Henriqueta, amiga íntima de Hortencia, a quem o marido da personagem suicida escreve informando sobre a morte da esposa. Henriqueta não se adequa às normas sociais estabelecidas; já as outras duas personagens, Hortencia e Maria José, são bem diferentes: a primeira se configura como típica e pacífica mulher “Anjo do lar”; a segunda, uma adolescente coquete. Desse modo, observamos a pena de Chrysanthème revelando personagens femininas que vão do tradicional ao moderno.

Já no romance *Matar!*, cujo título se impõe de forma imperativa, a talentosa Chrysanthème volta à questão do suicídio e, dessa vez, coloca-a no centro do romance. *Matar!* é um romance relativamente curto com pouco mais de cem páginas e está dividido em duas partes: Prólogo e Diário de Margarida Hellis. O prólogo é um artifício da autora explicando como, através das notícias dos jornais, tomou conhecimento da trágica história

que o leitor tem nas mãos. Ainda nessa parte da obra há uma carta da protagonista. Já o diário propriamente dito é a narrativa da trajetória da personagem principal. A obra, assim, está dividida em doze capítulos que dão conta da trajetória da personagem, desde a sua tenra idade até seu trágico fim.

Vale ressaltar que a protagonista primeiramente mata o seu amante e depois tira a própria vida, algo impensável a respeito de uma mulher fragilizada como é o caso de Margarida Hellis. Com ela, Chrysanthème foge do conforto e bem-estar da mulher burguesa e denuncia, na voz dessa personagem/protagonista, os sofrimentos das mulheres na sociedade machista que julga e condena as que não se adequam: “Se ela não se matasse, teríamos mais uma criminosa solta pelo Rio. Mulher de hoje, senhora, é o diabo” (Chrysanthème, 2023b, p. 12), diz o policial para a própria romancista Chrysanthème (que se faz personagem e se coloca no interior da narrativa), a quem a protagonista deixa seu diário antes de tirar a própria vida.

Tal estratégia de composição ficcional chama logo a atenção porque a romancista busca convencer o leitor de que se trataria de uma história verídica a respeito de uma mulher que cometeu suicídio por não suportar mais viver sob a tirania dos homens que, ao invés de protegê-la, agiam como seus algozes. Assim, Margarida deixa seu diário como denúncia, para que a jornalista Chrysanthème o torne público, em um jogo sofisticado entre ficção e realidade. Com base em tais componentes, é possível pensar com Benoît Denis: “o texto engajado é antes de tudo o engajamento do escritor, segundo um processo de intercâmbio mais complexo e ambíguo do que parece entre a obra e o seu autor” (Denis, 2002, p. 45).

O pesquisador Alamir Aquino Corrêa (2020) também questiona: “como julgar aquele que decide sobre sua própria morte?” (Corrêa, 2020, p. 20), e aqui poderíamos acrescentar, como julgar o ato da personagem principal, Margarida Hellis, que deixa à deriva e à morte seu amante, que planejou abandoná-la para viver um romance com outra mulher? O leitor certamente não ousa julgar, simplesmente os olhos correm pela narrativa que brota da pena de Chrysanthème e se deixa levar pela empatia, comove-se com o sofrimento dos personagens e pensa em como pode ser a vida... e a morte. Nesse sentido, é possível ainda mais um questionamento com Alamir Corrêa: “no suicídio é o silêncio a única saída, ou há de se tratar do assunto, falar, discutir, desta forma sentir-se menos solitário e menos sozinho?” (Corrêa, 2020, p. 19). Nesse romance, Margarida Hellis

decide tirar a própria vida, mas seu ato não é sinônimo de silêncio, pelo contrário, ela documenta tudo e pede para uma jornalista publicar sua história a fim de que isso sirva de denúncia de uma sociedade sufocante para as mulheres. De acordo com George Minois (2018):

o suicídio é uma acusação indireta contra os dirigentes sociopolíticos e religiosos. Ele é a prova de seu fracasso em assegurar a justiça e uma vida decente a todos os habitantes. [...] quem se mata mostra que prefere o nada ou os riscos do além a um mundo que se tornou um inferno para ele. [...] Quem prefere partir rumo ao desconhecido da morte mostra que não tem nenhuma confiança nas teorias, nas ideologias, nas crenças, nos projetos e nas promessas dos dirigentes (Minois, pp. 140-141).

Podemos pensar, assim, que talvez um dos motivos para o apagamento de Chrysanthème do cânone literário nacional possa estar também no teor de sua escrita que não deixou de registrar de modo sofisticado críticas ao *status quo* da época. Suas personagens preferem tirar a própria vida a seguir vivendo subalternizadas: Margarida Hellis não vê nenhuma perspectiva neste plano material e prefere partir, pois ainda é dona de si e contempla sua morte ao olhar para o veneno, seu portal para a liberdade. Essa personagem prefere o desconhecido e então nele mergulha, pois se sente incapaz de suportar o já conhecido: as máscaras sociais, as traições, o desamor. Margarida é uma personagem que podemos descrever com as mesmas palavras que Camus utilizou para Sísifo: “De resto, sabe que é dono de seus dias” (Camus, 2024, p. 141). Assim como Sísifo, Margarida é dona de seus dias, contudo, ou talvez, exatamente por saber disso, escolhe dar um fim a eles, denunciando a sociedade que, de certo modo e em algum grau, contribuiu para esse desfecho. Por outro lado, não estamos diante de uma narrativa maniqueísta, pois a protagonista é responsável pela morte de seu par romântico. Ao tomar conhecimento de que seria abandonada e trocada por outra pretendente ao casamento, Margarida em um ímpeto de ira e ciúme, se vinga de maneira definitiva: “Sacudi de mim, Lucio desarticulado e frágil como um polichinelo de brinquedo, e, com um sorriso, cuja expressão não sei bem qual seria, vi-o desaparecer no abismo, que o engoliu para sempre” (Chrysanthème, 1927[2023b, p. 138]). Assim, o homicídio e o suicídio seriam as duas faces de uma mesma moeda, a moeda da violência e da morte.

Em *Luto e melancolia*, obra publicada em 1917, Sigmund Freud indica que o luto e a melancolia se entrelaçam; nas palavras do psicanalista:

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa [...] o luto exibe os mesmos traços com exceção de um: nele a autoestima não é afetada. De resto é o mesmo quadro (Freud, 2010, p. 172).

Observando a trajetória de Margarida Hellis, é possível compreender as nuances de seus atos porque desde suas primeiras experiências amorosas ela se torna vítima dos homens com quem se relaciona. O primeiro deles, Christiano, nas palavras da protagonista: “esse meu primo, conseguia, às vezes, amedrontar-me pelo tom rude e modos bruscos que usava contra mim” (Chrysanthème, 1927[2023b, p. 35]). Sendo órfã de mãe, seu pai logo lhe dá uma madrasta. A menina então é educada com seu primo, que mora em uma fazenda; os dois crescem juntos e na juventude se lançam no jogo de sedução; ele, porém, se acha no direito de violentá-la e a família não faz nada para protegê-la e por isso ela foge. Já no mundo, Margarida Hellis conhece outros homens que não são diferentes, o que a faz denunciar: “o homem violento e o homem fraco são igualmente cruéis e deliquescentes⁵ na hora em que se trata de cumprir a palavra dada a uma mulher que julgou ter encontrado definitivamente um abrigo e uma proteção” (Chrysanthème, 1927[2023b, p. 123]).

Nossa protagonista chega a essa conclusão depois de conhecer Lucio de Vizeu, um rapaz que parecia ser delicado e civilizado, em uma palavra, cavalheiro; ao que ela se engana totalmente, pois ele trai sua confiança e faz planos de abandoná-la para se casar com uma prima rica que mora em Lisboa. Margarida descobre o plano a tempo e, na oportunidade que o acaso apresenta, ela não titubeia e realiza sua vingança. Sua autoconsciência é notável quando, olhando para o veneno que irá tomar afirma: “Não necessito de que me julguem. Julguei-me e condenei-me eu mesma e... basta. Continuemos. As forças nervosas que me faltam e o tóxico que me acalmará, fascina-me do seu lugar” (Chrysanthème, 1927[2023b, p. 134]).

Em seu ensaio *O mal-estar na civilização*, publicado na década de 1930, Sigmund Freud indica que: “Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando

⁵ adj. Em que há deliquescência. (Lat. deliquescens). Deliquescência, f. Qualidade, que têm alguns corpos sólidos e mineraes, de absorver a humidade do ar e dissolver-se. (Figueiredo, 1913[2010, p. 578]). Decadente.

amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor" (Freud, 2011, p. 27). Para o psicanalista, o processo humano civilizatório ao invés de garantir o bem-estar das pessoas, não foi capaz de tal façanha, porque essas precisam se domesticar para viver em sociedade, dessa forma não são livres e nem felizes, pois são reprimidas em seus desejos. Contudo, nessa análise Freud chama a atenção para a dominação que é masculina: "Mas não esqueçamos que na família primitiva somente o chefe gozava dessa liberdade instintual; os outros viviam em submissão escrava" (Freud, 2011, p. 61).

Observando as vivências das personagens suicidas nas duas obras aqui expostas, percebemos que ambas as mulheres sofrem agressões físicas e psicológicas, amam e são rejeitadas por seus amantes. Em uma sociedade machista e patriarcal, Chrysanthème encontra uma saída para suas personagens encurraladas pela vida e pelo amor; para elas o suicídio tem a promessa da liberdade que a vida não foi capaz nem de oferecer e nem de sustentar.

No que se refere ao apagamento de escritoras mulheres do cânone literário nacional, Constância Lima Duarte observa que muitas autoras foram "excluídas do cânone por uma historiografia e uma crítica de perspectiva masculina, que sistematicamente eliminou as mulheres do cenário das letras" (Duarte, 2009, p. 13). Dessa forma, elas sofreram memoricídio, violência da qual, segundo Duarte, muitas escritoras brasileiras foram vítimas. Ainda nas palavras da pesquisadora: "Falta-nos a cultura da preservação e, por isso, sobra o *memoricídio*, isto é, o sistemático apagamento da memória cultural. No caso das mulheres isso ocorre (ou ocorreu) com muito mais virulência" (Duarte, 2020, p. 173).

Na década de 1920, quando Chrysanthème publicava suas obras no Brasil, Virginia Woolf, na Inglaterra, questionava em *A room of one's own* (1929), os motivos pelos quais a mulher não escreve. Neste reconhecido ensaio, Woolf demonstra que a mulher descrita na literatura era bem diferente da mulher na vida real. De acordo com Woolf, a mulher: "permeia a poesia de capa a capa; [...]. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiasse um anel no dedo" (Woolf, 2014, p. 66). Ainda nesse importante ensaio, Woolf evoca "Judith Shakespeare" para questionar se o dramaturgo elizabetano tivesse uma irmã, com os mesmos dons e talentos imaginativos, será que ela teria alcançado as

mesmas condições de se desenvolver intelectualmente como ele teve? Woolf responde que certamente não, pois na sociedade da época era destinado às mulheres o cuidado da casa, do marido e dos filhos, e por isso elas não tinham tempo para se dedicar à literatura ou a qualquer coisa além das tarefas do casamento. Entretanto, Woolf observa que muitas mulheres, apesar de não possuírem “um teto todo seu” e serem dependentes financeiramente, se tornaram escritoras/autoras. No Brasil, muitas foram as mulheres que, assim como Chrysanthème, publicaram e ganharam dinheiro, mas foram silenciadas, vítimas de memoricídio.

Considerações finais

Tendo Chrysanthème – após quase um século de suas primeiras publicações – retornado à cena literária do país, observamos sua importância como uma mulher de letras que soube se impor no cenário literário e jornalístico no início do século XX, com elegância e firmeza, exigindo ora sutil, ora incisivamente, os direitos das mulheres não só em suas personagens literárias, mas também em sua escrita jornalística. É o que podemos verificar na leitura e análise de suas obras, aqui de maneira especial os romances *Flores Modernas* e *Matar!* Nesse sentido, lembremos da personagem Margarida Hellis, sua protagonista suicida: “Qual a mulher, que, sofrendo dilaceradamente, não invoca a morte como lenitivo?” (Chrysanthème, 1927[2023b, p. 133]).

A literatura tem o poder de refinar nosso olhar e a nossa mente para, atenta e acuradamente, enxergarmos e entendermos melhor a realidade que nos rodeia. A partir de leituras como a desses dois romances de Chrysanthème, observamos que sua obra (romances e ensaios nos jornais do Rio de Janeiro) traz uma escrita engajada, pois deu vida e voz a diferentes perfis de mulheres das primeiras décadas do século XX, denunciando a sociedade patriarcal e mostrando que a mulher, assim como o homem, é um sujeito inteiro, capaz, digno, e não deve jamais ser objetificada de nenhuma forma.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, William. “Literatura e suicídio: alguns operadores de leitura”. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, vol. 40(2), e37413, 2018.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2024.

CHRYSANTHÈME [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos]. **Flores Modernas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Janela Amarela, 2023a.

_____. **Matar!** 1. ed. Rio de Janeiro: Janela Amarela, 2023b.

CORRÊA, Alamir Aquino. “Apresentação: Não há mais que o nada”. In **Literatura & Suicídio** [recurso eletrônico]. Campo Mourão: FECILCAM, 2020, p. 15-22.

DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. Tradução de Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

DUARTE, Constância Lima. [Entrevista concedida à] Iara Barroca. **Revista Jangada**. N°. 15 – jan-jun. 2020. p. 168–177. ISSN 2317-4722.

_____. “Arquivo de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história malcontada.” **Revista Gênero**. Vol. 9, nº 2. Niterói: UFF, 2009, pp. 11–17.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio: Estudo de Sociologia**. Tradução: Monica Stahel. 3^a ed. São Paulo. Editora: WMF Martins Fonte, 2019.

FIGUEIREDO, Cândido. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1913[2010].

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução Paulo César de Sousa. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____. “Luto e melancolia”. In: **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. Tradução e notas de Paulo Cézar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GENS, Rosa (2016). “Cecília Vasconcelos e as modernas mulheres: a figuração de Chrysanthème.” **Anais XV ABRALIC**. Rio de Janeiro: Dialogarts, pp. 1112–1119.

HEMEROTECA Digital. **Biblioteca Nacional Digital Brasil** (BNDB). Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: setembro de 2024.

MINOIS, George. **História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: editora Unesp, 2018.

PINTO, Maria de Lourdes de Melo. **Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysanthème**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. 1^a. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.